



# 9

### **MONSENHOR BENVINDO E A PORTA SEM FECHADURAS NEM TRANCAS: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DA FRATERNIDADE NA OBRA “OS MISERÁVEIS”**

*Monsenhor Benvindo et la porte sans serrures ou trancas: analyse interdisciplinaire des fraternité dans le travail « Les Misérables ».*

**Tailine Fátima Hijaz**

Universidade do Extremo Sul Catarinense.

**Geralda Magella de Faria Rossetto**

Mestranda em Direito pela Unisinos.

Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense

#### **RESUMO**

---

O presente artigo tem por objetivo estudar a fraternidade, em uma perspectiva política, com base no romance “Os Miseráveis”, tomando como pano de fundo o estudo interdisciplinar entre o Direito e a Literatura. Para atingir o objetivo firmado, utiliza-se como método de abordagem o dedutivo, e como método de procedimento o histórico, descritivo e argumentativo. Além disso, o trabalho encontra-se dividido em três partes fundamentais: (a) primeiro pretende-se estudar a fraternidade em seus principais aspectos e, (b) por outro lado, examinar a obra literária em comento, com foco na personagem Monsenhor Benvindo. Por

fim, (c) intenta-se estabelecer um paralelo entre as duas fontes de estudo, abordando as representações da fraternidade na obra prima de Victor Hugo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Os Miseráveis; Revolução Francesa; Fraternidade.

### **RESUMEN**

---

*Este artículo tiene como objetivo estudiar la fraternidad en una perspectiva política, basada en la novela "Los Miserables", teniendo como telón de fondo el estudio interdisciplinario del Derecho y Literatura. Firmado para lograr el objetivo, se utiliza como un método de la aproximación deductiva, procedimiento y los métodos de carácter histórico, descriptivo y argumentativo. Además, el trabajo se divide en tres partes principales: (a) en primer lugar queremos estudiar la fraternidad en sus aspectos principales, y (b) en segundo lugar, examinar la obra literaria en el comentario, centrándose en el carácter de Monseñor Bienvenido. Por último, (c) tiene la intención de establecer un paralelismo entre las dos fuentes de estudio, dirigiéndose a los representantes de la fraternidad en la obra maestra de Víctor Hugo.*

**PALABRAS CLAVE:** *Los Miserables, la Revolución Francesa, la fraternidad.*

### **SUMÁRIO**

---

Introdução; 1. Breves notas acerca da fraternidade enquanto categoria política; 2. Sobre “Os miseráveis” e seu criador: “a Revolução Francesa da literatura”; 2.1. Vida e obra de Victor Hugo; 2.2. “Os Miseráveis”: considerações gerais; 3. As representações da fraternidade: há graça em “Os miseráveis”?; Considerações finais; Referências.

---

### **INTRODUÇÃO**

A obra “Os Miseráveis” (1862), de Victor Hugo (1802-1885), se situa entre os finais do século XVIII até meados do século XIX, exatamente na época em que ocorreu a Revolução Francesa (1789-1799), ponto de referência fundamental que pioneiramente deu uma dimensão política à fraternidade. Diante disso, a pesquisa tem por objetivo estudar a

fraternidade, em uma perspectiva política, com base no romance “Os Miseráveis”, tomando como pano de fundo o estudo interdisciplinar entre o Direito e a Literatura.

Ademais, o trabalho encontra-se dividido em três partes fundamentais: (a) primeiro pretende-se estudar a fraternidade em seus principais aspectos e, (b) por outro lado, examinar a obra literária em comento, com foco em sua primeira parte, bem como na personagem Monsenhor Benvindo (Capítulo 2)<sup>1</sup>. Por fim, (c) intenta-se estabelecer um paralelo entre as duas fontes de estudo, abordando as representações da fraternidade na obra prima de Victor Hugo.

Constata-se que uma das inferências que advém dessa análise diz respeito ao fato de que embora guardasse na casa simples seus preciosos talheres e castiçais de prata, única vaidade e herança da família, o bispo da cidade francesa de Digne deixava a porta sem fechaduras nem trancas. Nesse sentido, pode-se dizer que a fraternidade é a porta entreaberta, sem fechaduras nem trancas, tal qual a de Monsenhor Benvindo, vez que a sua essência se consubstancia em preceitos como universalidade, identidade comum, pacto entre iguais e de onde se pode estar no lar-comunhão uns com os outros, tal qual a norma, que se estabelece cerrada, e que também se rompe, identificando-se com a abertura de sua base principiológica, premente de fraternidade, chave de “porta que se abre”, sem fechaduras e sem trancas.

## **1. BREVES NOTAS ACERCA DA FRATERNIDADE ENQUANTO CATEGORIA POLÍTICA**

A literatura especializada não hesita em afirmar que 1789 foi um ano marcante para a fraternidade compreendida enquanto categoria política (BAGGIO, 2008, p. 7). Como se sabe, foi em 14 de julho de 1789 que o povo saiu às ruas de Paris e derrubou a Bastilha - verdadeiro símbolo do regime absolutista que por muito tempo vigorou no país – desencadeando a Revolução Francesa. De acordo com Michelet, que prefere chamar a Bastilha *de prisão do pensamento*:

Nossos pais esmagaram essa Bastilha, e arrancando-lhe as pedras com as mãos ensangüentadas lançaram-nas ao longe. E depois usaram-na novamente, e o ferro

---

<sup>1</sup> Na tradução e adaptação de Walcyr Carrasco (HUGO, 2001), a obra encontra-se dividida em cinco partes, as quais se subdividem em capítulos.

lhes deu uma outra forma, e para que sempre fossem calcadas sob os pés do povo, com elas construíram a Ponte da Revolução (MICHELET, 1989, p. 83).

Com efeito, esse ato significou muito mais do que um evento histórico, pois desempenhou um papel simbólico arrebatador no imaginário dos povos da Europa e do mundo que vivia sob a influência do *Ancien Régime*, ao final do século XVIII (BARROSO, 2010, p. 25)<sup>2</sup>.

Neste mesmo sentido, merecem referência as considerações de Eric J. Hobsbawm acerca da grande obra da Revolução Francesa e sua influência sobre o século XIX:

Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia desse século foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa. A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas socioeconômicas tradicionais do mundo não europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas idéias, a ponto de bandeiras tricolores de um tipo ou de outro terem-se tornado o emblema de praticamente todas as nações emergentes, e a política europeia (ou mesmo mundial) entre 1789 e 1917 foi em grande parte a luta a favor e contra os princípios de 1789, ou os ainda mais incendiários de 1793. A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido as idéias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa (HOBSBAWM, 2007, pp. 83-84).

---

<sup>2</sup> Ao estudar o constitucionalismo francês, Barroso ainda tece o seguinte comentário, que reforça a importância dessa Revolução: “foi a Revolução Francesa, com seu caráter universal, que incendiou o mundo e mudou a face do Estado – convertido de absolutista em liberal – e da sociedade, não mais feudal e aristocrática, mas burguesa. Mais que isso: em meio aos acontecimentos, o povo torna-se, tardiamente, agente de sua própria história. Não ainda como protagonista, já que a hora era da burguesia. Mas quando, na noite de 14 de julho de 1789, a multidão sem controle marchou pelas ruas de Paris, então capital do mundo civilizado, e derrubou a Bastilha, os pobres e deserdados saíram pela primeira vez da escuridão dos tempos. Daí para frente, passariam cada vez mais a desafiar a crença de que a miséria é destino e não consequência da exploração e dos privilégios das classes dominantes” (2010, p. 25).

É imprescindível salientar que foi no bojo da Revolução Francesa que o chamado terceiro estado, que compreendia aproximadamente 96% da nação (SOBOUL, 1989, p. 15)<sup>3</sup>, promoveu um amplo conjunto de reformas anti-aristocráticas, que incluíram, por exemplo, a abolição do sistema feudal, a promulgação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão<sup>4</sup>, a elaboração de uma nova Constituição, concluída em 1791, e a constituição civil do clero (BARROSO, 2010, p. 25)<sup>5</sup>.

Por fim, a sucinta introdução acima realizada pode ser resumida no principal mote criado quando da instalação da República em meio à Revolução, em 1789, que se consubstanciava no seguinte preceito: *Liberté, Egalité, Fraternité*. E é por isso que a Revolução Francesa constitui referência fundamental que pioneiramente alçou a fraternidade ao lado da Liberdade e Igualdade, formando a tríade de ideais necessários à sustentação de uma sociedade democrática (SILVA, 2009, p. 76).

É indubitável que a fraternidade mostrou-se presente ao longo da história do Ocidente inclusive muito antes do marco acima referenciado. Nas palavras de Baggio, ela ostentou “uma vasta gama de nuances quanto aos conteúdos do conceito” (2008, p. 7), possuindo por vezes o significado relacionado a práticas “que vão da simples esmola ao dever da hospitalidade e à fraternidade monástica – que pressupõe a convivência e a comunhão dos bens -, chegando a complexas obras de solidariedade” (BAGGIO, 2008, pp. 7-8).

Como antes observado, porém, foi em 1789, quando da Revolução Francesa, que a fraternidade passa a ser compreendida como categoria política, é dizer, passa a ser “interpretada e praticada *politicamente*” (BAGGIO, 2008, p. 7) pela primeira vez. Isso decorre fundamentalmente da sua aproximação e interação para com a Liberdade e Igualdade,

---

<sup>3</sup> Na estratificação social feudal, baseada em estamentos, o terceiro estado era composto pelos camponeses, a burguesia e trabalhadores urbanos, conhecidos como *sans culotes*. Nas palavras de Hobsbawm, “o Terceiro Estado obteve sucesso, contra resistência unificada do rei e das ordens privilegiadas, porque representava não apenas as opiniões de uma minoria militante e instruída, mas também as de forças bem mais poderosas: os trabalhadores pobres das cidades, e especialmente de Paris, e em suma, também, o campesinato revolucionário” (2007, p. 93). No mesmo sentido, conferir Soboul (1989, p. 18).

<sup>4</sup> Em que pese ser um verdadeiro manifesto do terceiro estado contra os privilégios de que se valiam as primeiras classes da estratificação social da época, a referenciada Declaração ainda não parecia se preocupar com a existência de uma sociedade democrática e igualitária (HOBSBAWM, 2007, pp. 90-91). É que, de acordo com Soboul (1989, p. 46-47), a igualdade prevista no texto da Declaração se tratava unicamente da igualdade civil. É possível concluir, ainda com o historiador, que inclusive essa havia recebido uma singular deturpação, quando se percebe que a escravidão nas colônias havia sido mantida.

<sup>5</sup> Na verdade, esse rol exemplificativo diz respeito tão somente às mudanças que ocorreram na primeira fase da revolução, que abrangia o interregno compreendido entre 1789 e 1792, sem se atentar às posteriores. Os historiadores afirmam que a Revolução Francesa perdurou entre 1789 e 1799 e, dentro desse período, costumam identificar quatro fases: (a) a instauração de uma monarquia constitucional e parlamentar; (b) a Convenção; (c) o Diretório; (d) a Era Napoleônica (BARROSO, 2010, p. 25).

formando a tríade de princípios interdependentes que serviram de inspiração para um mundo novo que se vislumbrava.

Inobstante, para Baggio, esse *novum* que questiona o modo como o cristianismo até então interpretara a fraternidade é “um *novum* que é anunciado e logo em seguida decai, pelo desaparecimento, quase que imediato, da fraternidade da cena pública” (BAGGIO, 2008, p. 8)<sup>6</sup>. A principal consequência desse *esquecimento* pode ser observada nitidamente em inúmeros eventos que ocorreram na história ocidental. Certamente o principal deles diz respeito à convivência antagônica – pois desprovida da fraternidade, nos dizeres de Baggio - que se instalou entre liberdade e igualdade. De fato, em inúmeras situações, tornaram-se os dois princípios “sínteses extremas de duas visões de mundo, de dois sistemas econômicos e políticos que disputarão o poder nos dois séculos seguintes” (BAGGIO, 2008, p. 8).

Diante da situação sumariamente desenhada, tem-se na fraternidade uma legítima garantia de sobrevivência e qualidade de uma sociedade política que funciona essencialmente mediante as diversidades<sup>7</sup>. Afinal, como já fora dito, os direitos humanos, de modo geral, só encontram fundamento na relação dinâmica entre os princípios da trilogia francesa (BAGGIO, 2008, p. 16). Em outras palavras, na feliz metáfora de Baggio: “os princípios da trilogia francesa poderiam ser comparados às pernas de uma mesa: são necessárias todas as três para que ela se sustente” (2008, p. 18).

O direito sempre fora interpretado à luz da simbologia do “soberano”, é dizer, ” parece que a única possibilidade do direito *ser direito* é estando respaldado por algum tipo de soberano, representado, contemporaneamente pelos Estados-Nação” (VIAL, 2006, p.120). Porém, diante do fracasso desse modelo, insuficiente a solucionar as contendas de maior complexidade que exurgiram com o tempo, tem-se como outra proposta a fraternidade, que busca uma análise transdisciplinar dos fenômenos sociais, e pode ser apresentada a partir dos seguintes pressupostos: no sentido da palavra latina *frater*, é um direito jurado conjuntamente entre irmãos, que não mais parte de soberano de qualquer espécie; é um direito livre da obsessão de identidade que deve legitimá-lo; é um direito que coloca em questionamento a própria “cidadania”, que muitas vezes é excludente, por isso, centra-se nos direitos humanos;

---

<sup>6</sup>Num esforço de pesquisa, Baggio intenta reavivar as possíveis razões para a queda imediata da fraternidade, com destaque para (a) a vaga amplitude do preceito e (b) as suas fortes raízes cristãs (2008, pp. 8-12).

<sup>7</sup>Baggio ressalta que a fraternidade não mais pode ser compreendida e interpretada como uma ligação sectária no âmbito de sociedades secretas, como se costumava aduzir a certo tempo, e tampouco como uma fraternidade de classe, meramente formal. Na verdade, essas acepções negam a fraternidade e deturpam o seu significado, contribuindo, por decorrência, para o seu enfraquecimento enquanto categoria política (BAGGIO, 2008, p. 20).

é um direito que sustenta a ideia de que *ser* homem é bem diferente de *ter* humanidade (cosmopolitismo); é um direito que prega a não violência; é um direito que quer eliminar dogmas; é um direito que busca a inclusão sem limites; é um direito, por fim, que aposta na diferença (VIAL, 2006, p. 122-124).

## 2. SOBRE “OS MISERÁVEIS” E SEU CRIADOR: “A REVOLUÇÃO FRANCESA DA LITERATURA”<sup>8</sup>

Analisar uma grande obra, de um grande autor, é uma atividade complexa, sobretudo se ambos, autor e obra, foram determinantes em inúmeros aspectos históricos e conjunturais não só para a geração de seu tempo, mas para todas as seguintes. Na tentativa de tornar essa complexa atividade um pouco menos árdua, a seguir busca-se tratar sucintamente da vida e obra de Victor Hugo para, depois, analisar “Os Miseráveis”, um dos principais objetos de estudo do presente artigo. Destaque-se que a finalidade não é tratar de forma detalhada e satisfatória da biografia do autor, vez que existe uma série de obras especializadas na temática<sup>9</sup>, mas tão somente descrever aspectos pontuais que tomam relevância para a reflexão acerca das representações da fraternidade na obra em comento.

### 2.1. Vida e obra de Victor Hugo

É inegável que Victor Hugo, poeta e romancista, sagrou-se como um dos principais escritores da literatura universal. Um dos fatores que justifica tal assertiva talvez resida na diversidade temática e riqueza presente em todos os seus escritos. Nessa linha de raciocínio, confira-se excerto da reportagem do Jornal do Brasil, publicada quando do bicentenário de Victor Hugo:

Autor de uma obra que, de tão conhecida, virou de musical da *Broadway* a desenho animado da Disney, conheceu a glória em vida. Foi sempre sucesso editorial e de bilheteria (*Hernani*, a primeira peça, de 1830, foi um recorde. Ela será reencenada na *Placedes Vosgues* todas as noites de junho e julho). Morreu rico, vivendo de

---

<sup>8</sup> A metáfora foi tomada por empréstimo de Rouanet (2002).

<sup>9</sup> Conferir Gallo (2007) e Szac (2010).

direitos autorais. À morte, era membro da *Académie Française*. Morto, teve o maior enterro que a França já viu, com um milhão de pessoas no cortejo que seguiu do Arco do Triunfo ao *Panthéon*. "Isso se explica porque ele introduziu no romance um personagem inexistente até então: o povo", diz ao **JB**, por telefone, de sua casa em Paris, Arnaud Laster, professor da *Sorbonne* e uma das maiores autoridades mundiais das obras do escritor. "Isso mudou totalmente o estatuto do romance e a massa passou a se reconhecer no texto. E ele não fez isso pelo pitoresco, queria uma mudança social (WERNECK, 2002, p. internet).

Victor Hugo nasceu em 1803, em Besançon, Paris (VICTOR HUGO, p. internet). Após analisar alguns aspectos de sua biografia, é possível perceber que inúmeros fatores certamente influenciaram o que viria a escrever no futuro. Constata-se que havia grande discordância em matéria de política e religião entre os pais do escritor (PCO, 2010, p. internet). O pai era um general ateu republicano que devotava Napoleão. Por outro lado, a mãe era uma radical católica defensora da casa Real. Talvez por conta da convivência com a mãe - os pais se separaram quando ainda era criança - em seus primeiros escritos Victor Hugo demonstrava-se monarquista e católico convicto. Com o tempo, rompeu com o reinado de Carlos X, passando a defender os ideais liberais da burguesia revolucionária. Torna-se um republicano, porém, com a revolução de 1830, passando a crítico da igreja e por fim, da própria burguesia (PCO, 2010, p. internet).

Desde muito jovem o autor demonstrava aptidão à literatura, mesmo a contragosto do pai:

Ainda na adolescência, morando em Paris integra-se aos círculos literários estudantis e recebe seus primeiros prêmios literários. Primeiro na Academia Francesa em 1817, e depois na Academia de Jogos Florais de Toulouse dois anos mais tarde. Em 1819 funda também seu primeiro jornal literário, *O Conservador Literário*.

(...)

Seu primeiro reconhecimento literário viria em 1822, com a coletânea de poemas *Odes*. Nele incluía-se o poema Ode sobre a Morte do Duque de Berry, que chama a atenção do rei Luis XVIII, que satisfeito, lhe premia com uma pensão anual. Ele tinha então apenas 20 anos (PCO, 2010, p. internet).

Em 1827 publica o drama teatral *Cromwell*, cujo importante prefácio foi considerado o primeiro manifesto técnico do romantismo francês. Com efeito, essa obra contribuiu para a

consolidação da imagem de Hugo como o principal expoente do romantismo na França, obtendo prestígio não apenas da juventude rebelde francesa, mas também entre a Corte de Carlos X (PCO, 2010, p. internet).

Porém, como mencionado, com o tempo Victor Hugo passou a expressar os primeiros sinais de uma dissidência, inicialmente com a publicação da obra *O Último Dia de um Condenado*, crítica feroz à pena de morte instituída pelo rei. Inclusive, constata-se que seu segundo drama teatral, *Marion Delorme*, não passou pela censura real (PCO, 2010, p. internet).

Com o famoso romance *O Corcunda de Notre Dame* (1831), Victor Hugo professa expressamente sua fé no liberalismo como ideologia política e no republicanismo como a forma ideal do Estado:

A imagem do livro expressava sua ideologia de defesa dos setores mais oprimidos da sociedade, esmagados sob o peso da miséria, desfigurados, mas espiritualmente sublimes, em oposição à corrupção monstruosa do representante da Igreja na história, que revelavam também as críticas do escritor à organização política da Igreja Católica, apesar de nunca ter abandonado suas crenças religiosas (PCO, 2010, p. internet).

Finalmente, em 1848 o autor rompe com o Partido Conservador e, posteriormente, em 1851, parte para o exílio, na Bélgica. Escreve lá *Os Castigos*, de 1853, e *As Contemplações*, de 1856, onde reitera suas posições contra a ditadura em que vive a França e nega a anistia oferecida por Luis Napoleão (PCO, 2010, p. internet). Foi no exílio que escreveu também a sua obra capital, *Os Miseráveis* (1861), na qual o autor trabalhara 16 anos, bem como sua obra definitiva, *Os Trabalhadores do Mar*, de 1866.

Merecem referência as palavras de Rouanet, no sentido acima exposto:

Hugo disse que o romantismo era o liberalismo em literatura. **A linguagem de Hugo foi mais que isso, foi a revolução francesa na literatura.** Como ele escreveu em *Réponse à un acte d'accusation*, o idioma que ele encontrou ao estrear na vida literária era como o antigo regime, em que povo e nobreza viviam segregado em castas. Havia a palavra nobre e a palavra familiar, que nenhum literato sério ousaria empregar. Havia vocábulos-duques e vocábulos plebeus. Sobre os batalhões de alexandrinos, Hugo fez soprar um vento revolucionário, e pôs um barrete vermelho no velho dicionário. Os tropos, escondidos debaixo das saias da Academia,

tremeram. Hugo declarou as palavras livres e iguais. Então a ode, abraçando Rabelais, tomou uma bebedeira, enquanto as nove Musas, de seios nus, dançavam a Carmagnole. Sim, ele foi esse Danton, foi esse Robespierre. Bateu as mãos, bebeu o sangue das frases, tomou e demoliu a Bastilha das rimas, quebrou o jugo de ferro que prendia a palavra-povo, fez do pronome pessoal um jacobino, do participio uma hiena e do verbo a hidra da anarquia. Graças a ele, a língua foi posta em liberdade (ROUANET, 2002).

Ainda:

Mais tarde Hugo se torna virulentamente antimonarquista, e na *Légende des siècles* condena todos os reis, presentes e passados, sem abrir nenhuma exceção a favor de Napoleão. Fica evidente, nessa fase, que para Hugo o império é a negação dos princípios de liberdade individual estabelecidos pela Revolução francesa e do direito de autodeterminação dos povos que a consciência civilizada do universo estava impondo no século 19. O último poema de *Feuilles d'automne* é um grande hino de cólera contra todas as prepotências imperiais: Odeio a opressão com um ódio profundo; / Por isso, quando ouço, em qualquer canto do mundo, / sob um céu inclemente, sob um rei assassino, / Um povo que degolam debater-se e gritar; / Quando pelos reis cristãos entregue aos carrascos turcos / A Grécia, nossa mãe, agoniza trespassada pela espada... / Quando Lisboa, outrora bela e festiva / Pende enforcada, com os pés de Miguel na cabeça... / Quando um cossaco horrível, possesso de raiva / Estupra Varsóvia, descabelada e morta... / Então, oh, eu maldigo em sua corte, em seu antro, / Esses reis cujos cavalos têm sangue até o ventre! / Sinto que o poeta é seu juiz! Sinto / Que a musa indignada, com seus punhos possantes, / Pode, como num pelourinho, amarrá-los em seu trono / E fazer-lhes um jugo com sua covarde coroa ... / Marcados na testa com um verso que o futuro lerá (ROUANET, 2002).

Com a derrubada do ditador Luis Napoleão, retorna a Paris, em 1870, e elege-se como deputado, defendendo um programa liberal contra a pena de morte, a concessão de anistia aos presos políticos do regime e a dissolução da Assembléia (PCO, 2010, p. internet).

Após uma viagem que realiza às pressas para Bordeaux, quando recebe a notícia da morte de seu filho, explode em Paris, o levante operário da Comuna. O escritor retorna à capital e compra o ódio de toda a burguesia francesa ao defender os

revolucionários nas barricadas. Era já então um escritor universalmente adorado pela população (PCO, 2010, p. internet).

Victor Hugo falece em sua residência, em maio de 1885. Seu corpo foi velado pela população durante nove dias, embalsamado em um esquife de vidro. Em seu cortejo fúnebre, o corpo de Victor Hugo foi acompanhado de cerca de um milhão de pessoas (WERNECK, 2002, p. internet).

## 2.2. “Os Miseráveis”: considerações gerais

Na tradução e adaptação de Walcyr Carrasco, a obra encontra-se dividida em cinco partes: a primeira, intitulada “A liberdade”, que será avaliada no presente tópico, situa-se no século XIX, em 1815, e começa retratando a chegada de Jean Valjean à cidade francesa de Digne, onde ninguém o conhecia.

Em um dos primeiros dias de outubro, em 1815, antes do pôr-do-sol, um homem viajava a pé. Tinha aparência assustadora. Seria difícil encontrar alguém com aspecto mais miserável. Era forte, de estatura mediana. Parecia ter de quarenta e cinco a cinquenta anos. Na cabeça, um boné com aba de couro. A camisa, de tecido grosseiro, mal fechada deixava ver o peito cabeludo. Calças esfarrapadas. Sapatos sem meias. Nas costas, um volumoso saco de viagem de soldado. Trazia na mão um cajado de madeira, cheio de nós. Cabeça raspada e barba crescida. O suor e o pó da estrada tornavam sua aparência ainda pior. Chegou à cidade francesa de Digne (HUGO, 2001, p. 10).

Ao procurar uma estalagem para jantar e dormir, Jean Valjean logo é humilhado e tem a hospedagem negada em todos os lugares. O motivo era um só: descobriu-se no local que o mesmo era um ex–forçado das galés. Um cumpridor de penas, a quem teriam dado um único destino, a não ser pela disposição de um Monsenhor.

O dono da hospedaria, entretanto, não tirava os olhos do homem.

Escreveu uma mensagem. Deu-a a um rapazinho que lá trabalhava. Este correu para a Prefeitura. O forasteiro, com fome, perguntou:

— E o jantar?

— Não demora — respondeu Labarre.

O rapaz voltou com a resposta. O dono da hospedaria leu com atenção. Pensou um pouco. Foi até o viajante e disse:

— Senhor, não posso hospedá-lo

(...)

— Já sei como se chama. Seu nome é Jean Valjean! Logo na chegada, desconfiei da sua pessoa. Mande perguntar quem é na Prefeitura, onde se identificou. Aqui está a resposta. Sabe ler?

(HUGO, 2001, pp. 10-11).

Assim, depois de ser expulso de duas estalagens, e de procurar abrigo na casa de uma família, na cadeia, e depois de ser expulso até mesmo por um cão, vez que tentou buscar abrigo em sua casa, Valjean foi dormir no banco da praça da cidade.

Caminhou mais algum tempo, com a cabeça caída no peito. Vagou pelas ruas, ao acaso. Ao passar em frente à catedral, ameaçou a igreja com a mão cerrada. Finalmente, deitou em um banco da praça. Uma velha saía da igreja. Ao ver aquele homem estendido no banco de pedra, aproximou-se (HUGO, 2001, p. 15).

Tal senhora, preocupada com Jean Valjean, deu-lhe algumas moedas e indicou uma casinha branca, do outro lado, sugerindo que deveria bater lá. Porém, antes de continuar com o drama de Valjean, Victor Hugo dedica um capítulo do livro a outro personagem fundamental: Monsenhor Benvindo.

Consta da obra que Charles-François Myriel, o bispo da cidade de Digne, mais conhecido como Monsenhor Benvindo, “era um velhinho de 75 anos, de uma bondade e simplicidade cativantes” (HUGO, 2001, p. 17). Além disso, Victor Hugo indica que Monsenhor Benvindo era filho de um nobre que, durante a Revolução Francesa, emigrara para a Itália. Depois de nomeado bispo da pequena cidade francesa, espantou a todos quando se recusou a viver no palácio episcopal, oferecendo tal ao hospital.

Foi morar com a irmã e uma criada fiel na casa acanhada onde antes funcionava o hospital. Era um homem para quem os ensinamentos cristãos de humildade e amor ao próximo não eram palavras ocas, mas normas de conduta que lhe davam, aliás, grande satisfação. Vivia modestamente, destinando grande parte de sua renda para os pobres. De sua família nobre, que a Revolução levava à ruína, sobravam apenas uma concha para sopa e seis talheres de prata e dois castiçais também de prata.

Quando havia convidados para o jantar, Monsenhor Benvindo mandava acender os castiçais em cima da lareira. Essas preciosidades ficavam guardadas em um armário no quarto do bispo. **Eram sua única vaidade. A qualquer hora do dia ou da noite, quem quisesse entrar só precisava empurrar a porta, pois a porta da sala de jantar, que dava para a praça da catedral, não tinha mais fechaduras nem trancas** (HUGO, 2001, pp. 17-18) (grifo nosso).

E sim, foi exatamente à porta dessa casa simples, sem fechaduras nem trancas, que Jean Valjean resolver bater. Bateu, e o bispo de Digne permitiu a entrada. Antes que Monsenhor Benvindo pudesse falar qualquer coisa, “provavelmente para perguntar o que desejava” (HUGO, 2001, p. 19), o forasteiro se antecipou, certamente temendo ser desprezado mais uma vez:

— Meu nome é Jean Valjean. Cumpri pena como forçado das galés por dezenove anos. Há quatro dias fui libertado. Vou para Pontalier, que é meu destino. Estou caminhando há quatro dias. Cheguei quase ao anoitecer. Fui a uma estalagem. Mas não quiseram me hospedar. Quando cheguei, tive de apresentar meu documento na Prefeitura, como é obrigatório. E o estalajadeiro descobriu quem sou. Fui a outra e me expulsaram.

Bati até à porta da cadeia e não consegui abrigo. Entrei na casinha de um cão e fugi debaixo de mordidas. Estava deitado em um banco da praça, quando uma senhora me apontou sua casa e disse para eu bater à sua porta. Que é isso aqui? Uma estalagem? Eu tenho dinheiro para pagar. É o dinheiro que ganhei em dezenove anos de trabalhos forçados. Estou exausto e faminto. Posso ficar? (HUGO, 2001, p. 19).

Para a grande surpresa de Jean Valjean, o bispo ordenou à criada para que pusesse mais um talher na mesa, bem como lençóis limpos na cama de hóspedes, e sem cobrar nada por isso. Após comerem, Monsenhor Benvindo levou o hóspede ao quarto.

A casa era dividida de tal maneira que, para entrar no pequeno quarto de hóspedes, era preciso atravessar o do bispo. Quando passaram, a criada guardava os talheres de prata no armário junto à cabeceira da cama do prelado.

O bispo levou seu hóspede ao quarto, onde havia uma cama com roupa branca e limpa. Apoiou o castiçal em uma mesinha.

— Tenha uma boa-noite. Amanhã, não vá embora sem primeiro tomar uma xícara de leite quente.

O homem teve uma reação inesperada, que gelaria de susto outra pessoa que não o bispo. Virou-se para o velho, cruzou os braços e disse, com voz estranha:

— Como pode me oferecer um quarto tão perto do seu? E se eu for um assassino?

O bispo respondeu:

— Deus é quem sabe!

Ergueu a mão e abençoou o forasteiro. Jean Valjean foi deitar. O ex-condenado apagou a vela com um sopro das narinas, como era costume entre os forçados. Caiu na cama e dormiu. O bispo foi passear um pouco no jardim. Depois deitou-se. Logo, reinava um grande silêncio na casa (HUGO, 2001, pp. 22-23).

No capítulo seguinte Victor Hugo conta o motivo da prisão de Jean Valjean. Consta que pertencia a uma pobre família camponesa, que não sabia ler e que, ao crescer, tornou-se podador de árvores. Por ser órfão de pai e mãe, fora criado por uma irmã mais velha, que tinha sete filhos, tendo enviuvado aos vinte e cinco anos. Diante desse infortúnio, “Jean Valjean tornou-se o arrimo da família” (HUGO, 2001, p. 25).

Como não tinha como sustentar toda a família, e vendo-se em uma situação de miserabilidade tal que as crianças não tinham nem o pão para comer, Valjean não viu alternativa: roubou um pão. E pagou muito caro por isso.

Em uma noite de domingo, o padeiro da aldeia ouviu uma pancada na vidraça gradeada. Correu. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita por um murro na vidraça. O braço pegou um pão. O padeiro perseguiu o ladrão, que tentava fugir. Era Jean Valjean.

Isso aconteceu em 1795.

Por esse crime, foi condenado a cinco anos nas galés. Explica-se: as galés eram barcos movidos a remo. Os grupos de remadores, acorrentados, eram constituídos por prisioneiros condenados. Havia um soldo miserável para cada um deles, guardado até a libertação. Era um trabalho exaustivo, feito somente por condenados.

Jean Valjean recebeu grilhões nos pés. Foi acorrentado.

Deixou de ter um nome, passou a ser um número: 24.601.

(...)

No final do quarto ano de condenação, Jean Valjean tentou fugir. Ficou livre dois dias, até ser capturado. Foi condenado a mais três anos. Quando cumpriu seis, tentou outra vez, mas não conseguiu fugir. Resistiu aos guardas que o encontraram em seu esconderijo e ganhou mais cinco anos, com castigos. No décimo ano e no décimo

terceiro, quis fugir outras vezes, e sua pena aumentou mais ainda. **Até cumprir dezenove anos. Por tentar roubar um pão** (HUGO, 2001, p. 25-26) (grifo nosso).

Finalmente, quando alçou a “liberdade”, e acreditando na possibilidade de ter uma nova vida, Valjean teve as perspectivas frutadas de imediato. Como seu documento de identificação dizia se tratar de um homem perigoso, era desvalorizado e, se conseguisse algum trabalho, ganhava menos do que os outros por conta da condição de ex-condenado (HUGO, 2001, p. 26).

Após falar do duro passado de Jean Valjean, Victor Hugo retorna à casinha de Monsenhor Benvindo. Com efeito, o ex-forçado havia acordado de madrugada e não conseguia parar de pensar nos talheres e na concha de prata, única riqueza da casa. Decidiu, então, furtá-los e fugir. Assim o fez.

De manhã, o bispo passeava pelo jardim quando a criada veio correndo, transtornada.

— Monsenhor, onde está o cesto em que guardo os talheres de prata?

O bispo estendeu o braço para um canteiro de flores. Pegou o cesto.

— Aqui está.

— E os talheres?

— Dos talheres, não sei.

— Meu Deus! A prataria!

A criada correu ao quarto, verificou o armário. Voltou apressadamente:

— O homem foi embora. Roubou e fugiu!

O bispo ficou silencioso. Por fim, refletiu:

— Aquela prataria não nos pertencia. Mas aos pobres. Esse homem era um pobre!

(HUGO, 2001, p. 27).

Mais tarde, três policiais chegaram à casa de Monsenhor Benvindo trazendo Jean Valjean amarrado:

Monsenhor Benvindo aproximou-se e exclamou, com os olhos em Jean Valjean:

— Ah! Voltou! Estimo vê-lo. Mas agora me lembro. Também lhe dei os castiçais de prata, como o resto. Por que não os levou, juntamente com os talheres?

Jean Valjean abriu os olhos, espantado. Encarou o bispo com uma expressão indescritível.

— O senhor deu os talheres a esse homem, Monsenhor? — perguntou um policial.  
— Nós o vimos com ar de quem foge e o prendemos para averiguar. Estava com essa prataria...  
— E disse que ganhou de um pobre padre, na casa de quem passou a noite? É verdade. Por que está preso? É um engano.  
Os policiais soltaram Jean Valjean (HUGO, 2001, p. 28).

Indubitavelmente esse é um dos momentos fundamentais do romance. Além de fazer com que liberassem Jean Valjean, Monsenhor Benvindo ainda dá a ele os dois castiçais de prata que havia “esquecido”, junto a um lembrete, para a incredulidade do forasteiro:

— Estou livre, realmente? — perguntou, como se não acreditasse.  
— Está solto, não ouviu? — disse um dos policiais.  
— Meu amigo, antes de ir embora, pegue os castiçais.  
O bispo foi até a lareira. Pegou os dois castiçais de prata. Deu-os a Jean Valjean. A irmã e a criada olhavam para ele em silêncio. Jean Valjean tremia. Pegou os dois castiçais, com ar desvairado. O bispo disse aos policiais:  
— Podem ir, senhores.  
Aproximou-se de Jean Valjean:  
— Não se esqueça, não se esqueça nunca de que prometeu usar esse dinheiro para se tornar um homem honesto.  
**Jean Valjean, que não se lembrava de ter feito essa promessa, ficou sem resposta.**  
O bispo continuou, solenemente:  
— Jean Valjean, meu irmão, lembre-se de que já não pertence ao mal, mas sim ao bem. É sua alma que acabo de comprar. Eu a furto dos maus pensamentos e do espírito da perdição para entregá-la a Deus (HUGO, 2001, p. 29).

Valjean então foi embora da cidade de Digne. No caminho, encontrou um garoto feliz, brincando com algumas moedas. “Era, possivelmente, toda a sua fortuna” (HUGO, 2001, p. 30). A moeda de prata, a mais valiosa, caiu no chão, rolando até Jean Valjean.

Ele pôs o pé em cima. O garoto foi até ele.  
— Senhor, minha moeda! — pediu.  
— Qual o seu nome?  
— Gervais, senhor.

— Vá embora! — ordenou Jean Valjean.

— Senhor, devolva meu dinheiro — insistiu o garoto.

Jean Valjean olhou para o chão. O garoto o agarrou, tentando fazer com que tirasse o sapato de cima da moeda. Começou a chorar.

— Levante o pé! Por favor! Minha moeda!

— Ah, ainda está aí? Fuja para se salvar!

Assustado, o garoto começou a tremer. Depois, saiu correndo sem dar um grito (HUGO, 2001, p. 30).

Com o cair da noite, Jean Valjean, que passara o dia confuso em relação aos próprios sentimentos, percebeu o que havia feito:

Caiu no chão, com as mãos enfiadas nos cabelos, e a cara escondida nos joelhos.

Exclamou:

— Sou um miserável!

Seu coração endurecido sucumbiu à força da emoção. Chorou. Pela primeira vez em dezenove anos, chorou!

Jean Valjean já não era mais o mesmo homem. O perdão concedido pelo bispo o ofuscava. Roubara a moeda do garoto em um impulso, por hábito, por instinto. Mas, quando Jean Valjean tomou consciência de seu ato, veio a angústia.

Ao gritar "sou um miserável", ele se viu como realmente era. Teve horror de si mesmo. Comparou o bispo a si próprio. A figura do bispo resplandeceu e encheu sua alma.

Durante muito tempo, chorou (HUGO, 2001, p. 31).

O que fez depois de chorar? Não se sabe ao certo. Mas um rapaz que levava a mala do correio para Digne e que chegou à cidade às três da manhã, ao atravessar a praça da catedral, viu diante da porta de Monsenhor Benvindo um homem ajoelhado, rezando durante a madrugada (HUGO, 2001, p. 31).

Nesse momento termina a primeira parte da obra. Assim, depois de se reconhecer como *miserável*, e de entender o quanto a ação de Monsenhor Benvindo havia repercutido em seu interior, Jean Valjean transforma-se em outra pessoa. Nos capítulos seguintes, reconstrói sua vida por meio do trabalho.

Migra para outra cidade, muda de nome, e monta uma empresa, que prospera em pouco tempo, trazendo empregos e uma vida melhor para a região. Enquanto dono dessa

empresa, uma fábrica de azeviche inglês e uma imitação de vidrilhos pretos da Alemanha (HUGO, 2001, p. 39), Valjean usa a sua fortuna para ajudar os necessitados.

Tratar dessa parte da obra não é o objetivo desse artigo, mas, em breve síntese, pode-se dizer que as boas obras são interrompidas quando o policial Javert desconfia de Jean Valjean e passa a persegui-lo até o final do livro. Neste interregno, uma série de outros personagens nos é apresentado por Victor Hugo, os quais cruzam o caminho de Jean Valjean, e influenciam em maior ou menor grau no deslinde do romance.

### **3. AS REPRESENTAÇÕES DA FRATERNIDADE: HÁ GRAÇA EM “OS MISERÁVEIS”(?)**

A lição duríssima, resultante da Revolução Burguesa, que fora estabelecida a partir do governo dos reis, centralizadores do poder, em face da sociedade francesa, dividida em classes rígida - a igreja, a aristocracia (os nobres), a burguesia e a camada dos mais pobres - conferiu resultados que podem ser considerados muito diferentes dos esperados, posto trazer para a cena decisória um conjunto de ideais contrários ao comando real e aos valores religiosos, de onde decorrem a sua conotação e expressão política, independentemente de onde e época que esta segue interpretada, estudada e historicizada.

Neste contexto, tem-se que a obra de Vitor Hugo adota como palco uma história de fugas, traição, prisão, interesses mesquinhos, mas, sobretudo, propicia gestos de bondade e desprendimento, cuja lição resta centrada na relacionalidade humana. Esta, na figura do Monsenhor Benvindo, desencadeia um processo que empresta à relação humana uma nova dinâmica de consideração pelo outro, o qual, agente de mudanças, ousa moldá-la, afeita à fraternidade e, de onde se espera, haver trazido para o espaço das relações e dos comportamentos o reconhecimento da política enquanto paradigma das relações que se dão no contexto de uma comunidade.

A fórmula hugoana, assentada sobre o modelo tríplice do bem *versus* mal, que se antevê pelo observador, fundado no construto politicamente correto na medida em que introduz o excluído, representado pelos pobres, os miseráveis, o povo que, de alguma forma, são preparados para a bastilha de si e com os outros. Com isto, Victor Hugo demonstra que há um mundo onde a fraternidade habita, deixando entrever no legado benvindiano, marcos

importantes para o exercício da pessoa humana que se transforma pela ação da outra, pelo exercício do olhar, pela amorosidade que os enlaça.

No dizer de Maturana, o “que torna possível essa convivência é o amor, o domínio de ações que constituem o outro como legítimo outro na convivência”. (1997, p. 46)

Como já mencionado, o presente trabalho recorta a atuação da personagem Monsenhor Benvindo, cuja tradução literal na língua portuguesa, quer dizer exatamente aquele que é e se faz bem-vindo, benfazejo. Na obra, o bispo de Digne, que nasceu Charles-Francois Myriel (2001), e de quem se esperava a centralização do Poder político visando a determinação do destino de seus súditos, seguindo o modelo do ditador de regras, ao invés, lança um desafio que marca a atuação da personagem: entreabrir uma porta sem fechaduras, nem trancas, que frente ao perigo denunciado pelas condições sociais, representativo da presença do “homem mal-encarado” (2001) que chegara à cidade de Digne e que vai em busca de abrigo na “casa acanhada” (2001), que nem assim, na presença do perigo anunciado, à Criada não é dado chamar o serralheiro para colocar as fechaduras e os ferrolhos (HUGO, 2001, p.), e neste lar-comunhão, a casa serve à concepção de seu grande tarefeiro: habitar e ser lar-fraterno.

Poder-se-ia buscar muitas justificativas para o sucesso dos romances de Victor Hugo, tido como de cunho universal. Entretanto, na obra “Os Miseráveis”, certamente a maior graça reside justamente na perspectiva que se estabelece em torno da mensagem do amor fraterno aos outros, de onde se apresenta de singular importância, a atuação do Monsenhor Benvindo, cujo legado, pode-se concluir, tem-no a partir da perspectiva do modelo de fraternidade, e cuja inspiração, este trabalho apresenta vinculado à política, em tradução tomada a partir do estabelecimento da mensagem de fraternidade.

Cabe aqui uma breve consideração. Qual a concepção que liga e anela a fraternidade com a política?

Começemos por um anacronismo “Tão antigo quanto a origem das sociedades políticas e o surgimento de um pensamento sobre a política” (RÉMOND, 1996, p. 354), que bem pode ilustrar a participação e influência da política no estabelecimento das relações do gênero humano. Portanto, a despeito da perspectiva política, é significativo considerar qual é o construto adotado no presente estudo.

Os exemplos são muitos, mas a literatura baggiana os aponta segundo uma ordem de motivos: a fraternidade como exigência e demanda (2009, p.11) e a fraternidade como

experiência e como recurso (2009, p.17). Assim, tem-se que a fraternidade desponta enquanto exigência da própria política (BAGGIO, 2009, p. 11).

Esclareça-se que esta pesquisa toma a concepção política enquanto tratativa de fins e meios, valores e bases que regem a sociedade e o Estado, e, sobretudo, a “participação como deliberação intersubjetiva” (BAGGIO, 2009, p. 96) estabelecida enquanto “relação política orientada para o bem comum” (idem, p. 98). A despeito de sua compreensão histórica, e até porque a obra deste estudo tem igualmente valor universal, com importância que ultrapassa gerações, a qual, embora não justifique a sua gênese, mas empresta-lhe valor. Portanto, apresenta-se oportuna a indicação de Bobbio sobre Política. Anota-se,

O poder político pertence a categoria do poder do homem sobre outro homem, não a do poder do homem sobre a natureza. Esta relação de poder é expressa de mil maneiras, onde se reconhecem fórmulas típicas da linguagem política: como relação entre governantes e governados, entre soberanos e súditos, entre Estado e cidadãos, entre autoridade e obediência, etc. (1998, p. 955).

De outro viés, tem-se o construto de fraternidade, no caso adotada a partir da perspectiva de Baggio, para quem,

(U)um dos campos de experimentação que se mostraram mais relevantes para comprovar as possibilidades hermenêuticas e práticas da idéia de fraternidade é o da participação democrática, ou seja da concessão da idéia de fraternidade com a de cidadania (2009, p. 85)

Feitas tais considerações, passa-se ao exame das representações da fraternidade, procurando perscrutá-las a partir da lição de Victor Hugo na perspectiva de Baggio, conforme já expostas, e que seguem sendo percebidas segundo a dinâmica do modelo trinário representado pelos pares em sociedade, Estado, e que buscam trazer a criatura humana, o indivíduo na relação com o Outro, dispondo-os no espaço e na cena presente de onde decorre a sua forte dose de expressão política.

Seja como for, a dimensão relacional é cara ao construto da democracia e, portanto, imprescindível ao conceito de cidadania, os quais, na perspectiva de Baggio, são apresentados tanto enquanto “substância” – quem é o cidadão, quanto na concepção do estabelecimento de sua relação – a natureza do vínculo entre os cidadãos (BAGGIO, 2009, p.88).

Tem-se aqui o cenário ideal, a forma do estabelecimento individual para o coletivo e deste para o fraterno, e a partir daí a vinculação com a política, em um salto que Baggio introduz revelador de um “salto antropológico (2009, p. 90), tal qual a norma que se faz entreaberta e, que, na lição autopoietica<sup>10</sup>, Teoria de Santiago<sup>11</sup>, cumpre sua missão que lhe cabe, ora se estabelece cerrada, mas também se rompe, identificando-se com a abertura de sua base principiológica, premente de fraternidade, chave de “porta que se abre”, sem fechaduras e sem trancas.

Ainda que desafiadores, a apresentação da referida relação tem na comunidade de Digne, notadamente, na “casa acanhada” (HUGO, 2001) de Monsenhor Benvindo a capacidade de realizar, de tecer fios fraternos, que rompem com os enganos, as trapaças, as fugas, as prisões e inauguram gestos de bondade, de amor, sobretudo de graças, milhares delas. Uma tal graça que liga o homem, ser político capaz do bem-comum e de estabelecer relações consigo e com os outros, dignas de notas políticas, comprometendo-o com a fraternidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo mais, na restauração,  
Uma bandeira tremulará em toda parte, ao lado de todas: A da Paz;  
Um idioma se falará junto aos demais: O da Fraternidade;  
Um ideal se fará presente no meio dos outros: O do progresso;  
Uma Religião única estabelecerá a ponte de união entre o Homem e Deus: A do  
Amor Universal.... (Vitor Hugo)

A obra objeto deste estudo, no caso “Os Miseráveis” (1862), de Victor Hugo (1802-1885), se situa nos finais do século XVIII até meados do século XIX, exatamente na época em

---

<sup>10</sup> O modelo da autopoiese decorre da teoria biológica de dois grandes cientistas, Humberto Maturana e Francisco Varela, os quais, referem que a palavra deriva do grego *autos* (por si próprio) e *poiesis* (criação, produção) (NEVES, 2006, p. 80).

<sup>11</sup> A *Teoria de Santiago* tem, em sua concepção primeva, a identificação da cognição, do processo de conhecimento, com o processo de viver. Segundo Maturana e Varela, a cognição é a atividade que garante a autogeração e a autopropetuação das redes vivas. Em outras palavras, é o próprio processo da vida. A atividade organizadora dos sistemas vivos, em todos os níveis de vida, é uma atividade mental. As interações de um organismo vivo – vegetal, animal ou humano – com seu ambiente são interações cognitivas. Assim, a vida e a cognição tornam-se inseparavelmente ligadas. A mente - ou melhor, a atividade mental – é algo imanente à matéria, em todos os níveis de vida (CAPRA, 2003, p. 50).

que ocorreu a Revolução Francesa (1789-1799). Diante disso, o presente buscou na referida obra o fundamento para examinar a fraternidade enquanto expressão política e, portanto, de expressivo reconhecimento e marco histórico, a Revolução da Bastilha, deterá singular importância a pesquisa ora proposta.

O trabalho foi distribuído em três pontos: primeiro, propôs-se estudar a fraternidade em seus principais aspectos de universalidade, identidade comum, pacto entre iguais e de onde se pode estar no lar-comunhão uns com os outros.

Em segundo lugar, foi examinada a obra literária em comento, com destaque para a personagem Monsenhor Benvindo, que se encontra distribuído, na edição em estudo, no Capítulo II (HUGO, 2001). Nesse sentido, pode ser dito que a fraternidade é a porta entreaberta, sem fechaduras nem trancas, tal qual a de Monsenhor Benvindo, e tal qual a norma que se estabelece cerrada, e que também se rompe, identificando-se com a abertura de sua base principiológica, premente de fraternidade, chave de “porta que se abre”, sem fechaduras e sem trancas.

Por último, foi proposto um paralelo entre as duas fontes de estudo, no caso as representações da fraternidade na obra prima de Victor Hugo e, como tal, a pesquisa procurou desvelar uma tal graça ou milhares delas, de tal forma a anunciar a graça que tem permitido ao homem o compromisso com a fraternidade.

Para atingir o objetivo firmado, utilizou-se como método de abordagem o dedutivo, e como método de procedimento o histórico, descritivo e argumentativo.

Imbuídos de tais objetivos, o trabalho partiu da Revolução Francesa. A conclusão é que o estabelecimento desta conferiu valores políticos, diferentes aos esperados pelos comandos reais. Ao invés de uma determinação para com o destino dos súditos, obteve-se a liberdade, a igualdade e a fraternidade, que passam a compor a base política da nação francesa, expandindo e alcançando outros povos, até serem recepcionados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 26 de agosto de 1789, como a base política do solene compromisso entre os povos de velar e conjuntamente jurar por tais princípios, reafirmada na Revolução de 1848, e com a vitória dos republicanos de 1879, esta segue sendo compromisso político, base jurídica e principiológica de muitas gerações, ponto de referência fundamental que pioneiramente deu uma dimensão política à fraternidade.

Firme em tal contexto tem-se a obra de Victor Hugo, poeta e romancista, e um dos principais escritores da literatura universal, que obteve em vida prestígio e reconhecimento.

As características de seus personagens, muitos deles ligados às bases populares, cidadãos comuns, premidos pela pobreza, a quem ele nomina “Miseráveis”, e como um sinal dos novos tempos, salvos pela pia batismal, a genialidade de Victor Hugo os brinda com uma nova condição – revelada pela crítica que ele sutilmente foi revelando ao longo do romance, como uma tarefa de desvelar o véu de Ísis, de que nos acusa Pierre Hadot (2006). Nessa linha, suave ao leitor, mas certamente, fruto de muitas lutas para os contemporâneos ali retratados, foi introduzida a figura de Monsenhor Benvindo, para quem aguardara as características de um Estado-providência, que acolhe, bendiz e ampara.

O presente trabalho, que recortou a atuação da personagem Monsenhor Benvindo, cuja tradução literal na língua portuguesa, quer dizer exatamente aquele que se faz bem-vindo, e na lição do bispo, que nasceu Charles-Francois Myriel (2001), e de quem se esperava a centralização do Poder político visando a determinação do destino de seus súditos, segundo o modelo do ditador de regras, ao invés, entreabre a porta de sua casa, que bem poderia ser um palácio, o qual fora cedido ao hospital, e agora, é a “casa acanhada”, onde todos são bem vindos!

À pergunta, qual a razão deste mestre maior da literatura ocupar o espaço da literatura universal, com destaque e aceitação (?)

A resposta certamente ocupa justificativas que vão desde a diversidade temática e riqueza presente em todos os seus escritos e personagens, porém, ao introduzir aqueles a quem chamavam “miseráveis”, Hugo os apresenta como benditos, que são bem-vindos, o que é significativo da atuação de Valjean, e a sua recepção na “casa acanhada” de Monsenhor Benvindo (HUGO, 2001).

A partir daí, tem-se o estabelecimento de seu romance, que poderia ser qualquer outro conflito amoroso, de qualquer época, mas, torna-se representativo de um romance universal, porque confere à cena, os ausentes, os errantes, a quem o escritor expressa a condição de Miseráveis, e que dispostos nos conflitos ali apresentados, serviram de pano de fundo para o estabelecimento de um novo modelo de dialogicidade, revelador de participação e deliberação de uma graça infinda. Onde, porém está centrada a representação da fraternidade na obra de Victor Hugo em exame?

Na obra “Os Miseráveis” (2001), certamente a maior graça, aquela que confere a representação da fraternidade, reside justamente na perspectiva política conferida na “casa

acanhada”, “sem fechaduras, nem trancas”, que se estabelece em torno da relacionalidade, mudança de paradigma, da mensagem do amor ao(s) outro(s).

## REFERÊNCIAS

- BAGGIO, Antonio Maria (Org.). **O Princípio Esquecido/1: A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas.** Traduções Durval Cordas, Iolanda Gaspar; José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista - SP: Cidade Nova, 2008.
- BAGGIO, Antonio Maria (Org.). **O Princípio Esquecido/2: Exigências, recursos e definições da fraternidade na política.** Traduções Durval Cordas, Luciano Menezes Reis. Vargem Grande Paulista - SP: Cidade Nova, 2009.
- BARROSO, Luis Roberto. **Curso de Direito Constitucional Contemporâneo: os conceitos fundamentais e a construção de um novo modelo.** Rio de Janeiro: Saraiva, 2009.
- BOBBIO, Norberto. Verbete: **Política.** In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política I.** Tradução de Carmen C, Varriale et ai. Rev. geral João Ferreira e Luis Guerino Pinto Cacais. Brasília: Ed. UNB, 1ª. ed., 1998, p. 954-962.
- CAPRA, Fritjof. **Conexões Ocultas.** Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 3ª. Ed., São Paulo, Ed. Cultrix, 2003.
- GALLO, Max. Victor Hugo – Vol. 1 – **Eu sou uma força que avança!** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 420 p.
- HADOT, Pierre. Tradução Mariana Sérvulo. **O véu de Ísis: ensaio sobre a história da idéia da natureza.** São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789 - 1848.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- HUGO, Victor. **Os Miseráveis.** Tradução e adaptação de Walcyrr Carrasco. São Paulo: FTD, 2001.
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade.** MATURANA, Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (org.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

- MICHELET, Jules. **História da Revolução Francesa**: da queda da Bastilha à festa da Federação. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- NEVES, Marcelo. Verbete: **Autopoiese**. In BARRETO, Vicente de Paulo (Coord.). **Dicionário de Filosofia do Direito**. São Leopoldo: Ed. Unisinos/Renovar, 2006, p.80-84.
- RÉMON, Rémond. (Tradução Magda Lopes). Verbete: **Política**. In: SBERBER, Monique Canto (Org.) **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. Tradução de Ana Maria Ribeiro-Althof, Magda França Lopes, Maria Vitória Kessler de Sá Brito e Paulo Neves. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003, p. 354-359.
- ROUANET, Sergio Paulo. **Este século tem dois anos: a propósito do bicentenário de Victor Hugo**. In: ANAIS Simpósio Internacional Victor Hugo, Gênio sem Fronteiras, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/victorhugo/anais\\_main/rouanet\\_01.htm](http://www.lettras.ufmg.br/victorhugo/anais_main/rouanet_01.htm). Acesso em: 04 set. 2011.
- SILVA, Ildete Regina Vale da. **A fraternidade como um valor que o direito pode e deve (re)construir**: uma abordagem à luz dos direitos humanos e dos direitos fundamentais. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2009. Disponível em: [http://www6.univali.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=722](http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=722). Acesso em: 01 ago. 2011.
- SOBOUL, Albert. **Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- SZAC, Murielle. **Victor Hugo: não à pena de morte**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Edições SM, 2010, 80 p.
- UOL. **Victor Hugo (1802-1885)**. Disponível em: [http://victorhugo200anos.vilabol.uol.com.br/victor\\_hugo.htm](http://victorhugo200anos.vilabol.uol.com.br/victor_hugo.htm). Acesso em: 03 set. 2011.
- VIAL, Sandra Regina Martini. Direito Fraternal na perspectiva cosmopolita. In: **Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos**, Bauru, v.1, n. 46, p. 119-134, jul-dez. 2006. Disponível em: [http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/18207/Direito\\_Fraternal\\_na\\_Sociedade\\_e\\_Cosmopolita.pdf?sequence=2](http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/18207/Direito_Fraternal_na_Sociedade_e_Cosmopolita.pdf?sequence=2). Acesso em: 10 jul. 2011.

VICTOR HUGO. **Biografia e obras.** Disponível em:  
<http://victorhugo2k.blogspot.com/2009/07/victor-hugo-biografia-e-obras.html>. Acesso em: 07 set. 2011.

WERNECK, Alexandre. Jornal do Brasil. **Bicentenário comemorado com festa**, 14 abr. 2002. Disponível em:  
[http://www.letras.ufmg.br/victorhugo/imprensa\\_paginas/imprensa\\_0401.htm](http://www.letras.ufmg.br/victorhugo/imprensa_paginas/imprensa_0401.htm). Acesso em: 03 set. 2011.